

RESENHA

DOSSIÊ ESTUDOS EM SEMIÓTICA SOCIAL NA AMÉRICA LATINA

TONNESSEN, Elise Seip; FORSGREN, Frida. (ed.) *Multimodality and Aesthetics*. New York: Routledge, 2019. 360 p. ISBN-10: 1138103519. ISBN-13: 978-1138103511.

Resenhado por Rosane Queiroz Galvão¹
Universidade de Brasília - UnB

Recebido em: fevereiro de 2021
Aceito em: abril de 2021
DOI: 10.26512/les.v22i1.37093

“Que relação há entre o belo e o feio e a semiótica social?” A obra *Multimodality and Aesthetics*, lançada também na versão para Kindle (edição de Bay L. O’Halloran), disponível em língua inglesa, reúne pesquisadores da Europa, Austrália e América Latina, de diferentes tradições de pesquisa, e cumpre magistralmente o objetivo de explorar a relação entre estética e comunicação multimodal em vários domínios (literatura, música, cinema, arquitetura, educação, mídia digital). Inscreve definitivamente a dimensão estética na análise de artefatos semióticos, análises que nesta obra adotaram a perspectiva da estética do cotidiano; da experiência estética, com foco no sujeito sensível e na ação, conforme John Dewey (2010); e do gosto estético como produto social e valor, conforme Gunther Kress (2010). Interdisciplinar, a obra atesta o quão fecundos podem ser os diálogos entre diferentes campos. Nessa direção, Theo van Leeuwen (2015, p. 191) compreende que “o discurso público, hoje, deve fazer mais do que informar, persuadir, instruir, explicar, deve também ‘ter boa aparência’”.

Andrew Burn e Gunther Kress abrem os estudos, em *Modalidade, Estilo e Estética: O Caso do Lobisomem Digital*², com uma incursão pelas teorias estéticas a partir de Aristóteles, passando

¹ Em nota de rodapé, informar um Curriculum Vitae resumido do/a autor/1, com e-mail, em nota de rodapé (4 a 5 linhas). Usar fonte 10 e espaço simples.

por Kant, Bourdieu e Barthes, chegando a Laura Mulvey e finalmente Hebdige, com o qual aquiescem: estilo e significado são inseparáveis e têm, como ferramentas de construção, recursos semióticos. Kress (2010, p. 28) argui: “estilo é a política de escolha, e estética é a política do estilo”. E os autores expandem os conceitos: “estilo é a política de escolha e o conjunto de ferramentas semióticas de identidade”; “estética é a política do estilo, o regimento discursivo no qual a escolha estilística está inserida”. Para Burn e Kress, o afeto é inseparável do significado e da significação, e o estilo incorpora ambos, transportando-os ao domínio da estética. Na seção analítica, *Machinima: a Estética do Design Digital*, relatam processo de criação coletiva (estudantes de 11 anos) de filme por meio da plataforma Machinima, em que analisam imagens de liminaridade (estética sublime, relacionada a ambiguidade e mistério), *continuum* de conjunção modal e contradição intermodais. Concluem que a escolha semiótica depende do interesse do signatário; formação de padrões (estilo) e formação de significado são a mesma coisa; articulações estilísticas tanto emprestam como transformam elementos de textos anteriores, em relação dialógica (princípio da semiótica social de proveniência); modelagem estilística é reivindicação de verdade em gênero, um aspecto do princípio semiótico social da modalidade; a organização estilística do texto, como todos os outros aspectos, é multimodal (distribuída nos modos que desenvolve); produção de prazer envolve inevitavelmente afeto; a diferente materialidade dos modos também contribui para o significado, o que se aplica à função estética do signo.

Em *Uma abordagem fenomenológica da multimodalidade e das experiências estéticas*, Thomas Illum Hansen, em densa incursão teórico-epistemológica, parte do conceito de temporalidade da experiência estética em Ingarden e Merleau-Ponty (arte como gesto expressivo), busca o conceito triádico de signo e o contexto semiótico de Peirce, e a teoria dos atos de Husserl, para cotejá-los ao signo semiótico de Kress. Todo esse caldo teórico é consolidado num modelo refinado para abordagem fenomenológica da multimodalidade, um quadro notável, voltado a “diferenciar as funções dos signos, analisando-as em relação à materialidade externa e percebendo-as como modos semióticos socioculturalmente específicos”. Propõe nova forma de inferir, a abdução, baseada no julgamento estético e reflexivo, e a distinção entre multimodalidade analiticamente convergente e multimodalidade esteticamente divergente no ensino.

Os capítulos 4 a 6 tratam da estética dos monumentos e paisagens dos espaços públicos, a semiótica do discurso espacial. Maagerø e Veum focalizam a implantação de memoriais (“contramonumentos”, pelo atentado terrorista de julho de 2011) por cidades norueguesas e o contraste dos sentidos em cada local. Duffy analisa as ressignificações do Estádio Nacional do

² Traduções livres desta resenhista.

Chile, de centro esportivo a centro de detenção e tortura, e então memorial. Enlaça discussões estéticas e políticas. Adami traz o resultado de dois anos de pesquisa acerca dos efeitos da regulamentação semiótica e outras práticas regulatórias do poder público na renovação arquitetônica do tradicional mercado Kirkgate Market, em Leeds, no Reino Unido, o que gerou resistências, mas, conclui Adami, resultados também benéficos.

Os capítulos de 7 a 11 exploram o potencial estético da comunicação multimodal para educação e letramento (estudos muito oportunos, neste momento de crise sanitária mundial). Gualberto e Pimenta procedem a *Uma Análise Multimodal de Estética nos Livros Didáticos da Escola Brasileira* e revelam implicações estéticas e ideológicas de significados semióticos relacionados a escolha de imagens, tipografia, leiaute e enquadramento, em capas de material didático amplamente distribuído nas escolas públicas do Brasil. Rimmereide, Hoem e Iversen investigam a produção de livros digitais por professores-alunos, por meio de experiência estética de viagem à beira-mar, para a alfabetização estética de si e de seus estudantes. Dewey e Gadamer fornecem aporte teórico para a análise da produção multimodal em tecnologia móvel (iPad). Alfabetização digital na formação de professores também constitui interesse da pesquisa de Hoem e Schwebs, em *Estética da Argumentação Digital*, em que investigam como interagem ferramentas digitais e a estética de argumentos mediados, e qualidades estéticas exurgidas do uso do serviço *on-line* Wordclouds e *softwares* na produção de narrativas multimodais, analisadas sob os eixos: escrito/falado, verbal/não verbal, vivo/gravado. Westlund demonstra que “a estética é uma necessidade absoluta para a aprendizagem”, ao investigar representações visuais multimodais de alunos e quanto estas se aproximam ou afastam-se das normas da ciência. Recorre às noções de codificação naturalística, tecnológica, sensorial e abstrata. Wingstedt analisa *O potencial estético do som vocal em situações de aprendizagem online*. Em amplo estudo de caso, pormenoriza parâmetros articulatórios e dimensões comunicativas do significado do som, balizado nas metafunções de Halliday (1994). Sugere melhor receptividade à abordagem sensorial do que à naturalística e enfatiza aspectos interpessoais.

Os capítulos 12 a 15 focalizam a estética nas tecnologias semióticas digitais. Kvåle e Poulsen analisam o potencial estético dos recursos e regimes semióticos de modelos oferecidos pelo editor de *websites* Wix. Reiteram a importância dos *softwares* e *templates* para a estética da comunicação digital, mas alertam para a não neutralidade dessas tecnologias. Possibilidades e restrições de *templates*, mas na plataforma Tumblr, constam também das análises de Zhao e Zappavigna, que destrinçam a estética cotidiana (comum tornado extraordinário em *selfies*, ângulos e filtros fotográficos) e a curadoria em *blogs* visuais de *scrapbooks* (*álbuns de recortes*) digitais. O papel “vital” de *softwares* (iMovie, After Effects) na composição multimodal, a autoria e a

curadoria fazem parte do estudo de Gilje. Baseado no modelo comunicativo de Kress (2010), o autor investiga, em práticas educacionais, as escolhas estéticas entre modos contributivos, para a construção do sentido na dimensão temporal e espacial das imagens em movimento. Trata de orquestração e coerência multimodal, tipografia cinética, alfabetização estética. Poulsen inspira-se em Zappavigna para descrever pormenorizadamente potenciais de significado de filtros de fotografias do Instagram, rastrear as influências fotográficas históricas e discutir criticamente a reconfiguração regulamentada e relativizada do *design*.

Os capítulos 16 a 19 dedicam-se ao domínio das artes plásticas tradicionais. O livro ilustrado *The Lost Thing* (2000) e o curta de animação homônimo (2010), de Shaun Tan, são ricamente analisados e cotejados por Ørjasæter sob o prisma da estética performativa e da noção de transcendência dos sentidos, experiência liminar, níveis diegéticos de narração, posição de leitura subjetiva do leitor/público. Em seguida, Markussen analisa de forma comovente a relação transmodal e intermodal de letras, vozes e progressões de acordes de três músicas de Eric Clapton (coautoria de Will Jennings), com as quais o artista lida com a perda trágica do filho. Reporta-se aos modelos de tarefa de luto de Worden (2001), à poesia elegíaca e a estilos musicais como *jazz*, *pop* e *blues*. Maxwell e Mittner focalizam o gênero social na estética multimodal do álbum-livro *Song Reader*, do compositor Beck, um livro de partituras “masculino” e “branco”, no qual se oblitera o papel feminino em tradição cultural que pertence às mulheres, na história da música popular. Finalmente, Siekes analisa a intermodalidade e o contraste intermodal em filmes distópicos de ficção científica. Compreende a intermodalidade como “conjunto de relações intermodais em determinado texto ou artefato multimodal, incluindo suas contribuições para o significado geral, a estética e a estrutura do texto”. Enfatiza os usos múltiplos (ironia, subversão, pluralismo, etc.) da estética.

Oportuna e admirável, a obra coloca no centro do debate algo que, embora da essência humana, há séculos se encontra negligenciado nas teorias semiolinguísticas ocidentais: o afeto. A ponte finalmente erigida entre estética e multimodalidade pode ser marco inicial de rupturas bastante desejáveis para outros domínios do conhecimento humano.

REFERÊNCIAS

- DEWEY, J. *Arte como experiência*. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fonte, 2010.
- HALLIDAY, M. A. K. *Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.
- KRESS, G. *Multimodality. A social semiotic approach to contemporary communication*. New York: Routledge, 2010.

VAN LEEUWEN, T. Aesthetics, multimodality and literacy studies. In: PAHL, K.; ROWSELL, J. (ed.). *The Routledge handbook of literacy studies*, p. 426–439. London: Routledge, 2015.

WORDEN, J. W. *Grief counselling and grief therapy: A handbook for the mental health practitioner*. 3. ed. New York: Brunner & Routledge, 2001.